INFORMATIVO
Obreiros

Órgão de divulgação interna do Instituto Espírita Obreiros do Bem – Edição 56 – Abril, Maio e Junho de 2022

A Paciência

Um Espírito Amigo

Havre, 1862

A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos. Não vos aflijais, portanto, quando sofrerdes, mas, pelo contrário, bendizei a Deus todo-poderoso, que vos marcou com a dor neste mundo, para a glória no céu.

Sede pacientes, pois a paciência é também caridade, e deveis praticar a lei de caridade, ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste em dar esmolas aos pobres é a mais fácil de todas. Mas há uma bem mais penosa, e consequentemente bem mais meritória, que é a de perdoar os que Deus colocou em nosso caminho para serem os instrumentos de nossos sofrimentos e submeterem à prova a nossa paciência.

A vida é difícil, bem o sei, constituindo-se de mil bagatelas que são como alfinetadas e acabam por nos ferir. Mas é necessário olhar para os deveres que nos são impostos, e para as consolações e compensações que obtemos, pois então veremos que as bênçãos são mais numerosas que as dores. O fardo parece mais leve quando olhamos para o alto, do que quando curvamos a fronte para a terra.

Coragem, amigos: o Cristo é o vosso modelo. Sofreu mais que qualquer um de vós, e nada tinha de que se acusar, enquanto tendes a expiar o vosso passado e de fortalecer-vos para o futuro. Sede pois, pacientes, sede cristãos: esta palavra resume tudo.

KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo IX, Instruções dos Espíritos, item 7, 64ª edição, editora LAKE, São Paulo – SP, 2007.

OBREIROS EM AÇÃO

O IEOB continua com as portas do coração abertas a todos, e buscando meios diversos de se manter conectado a todos os seus trabalhadores e frequentadores.

Departamento de Artes

Teatro

O grupo de teatro Léon Denis está ensaiando a peça: "A visita" e também uma esquete para o aniversário do Obreiros que se intitula: "O cultivo da verdade".

Departamento de Manutenção

Nesse período fizemos a manutenção elétrica de iluminação e de quadros de distribuição, serviços de serralheiro na casa de bomba de incêndio e no prédio novo (sobre o bazar).

Departamento do Livro

Livraria

A Livraria IEOB continua se aproximando cada vez mais de você!

Agora estamos também no Facebook e Instagram.

Para seguir a gente é fácil!
No Instagram livraria_ieob
No Facebook @LivrariaIEOB

No Facebook, você encontra os horários atualizados que estamos abertos.

Curtam, comentem, compartilhem e façam avaliações para que possamos sempre melhorar.

Biblioteca

Sem previsão de retorno.

Departamento de Orientação Doutrinária (DOD)

Segue com os trabalhos *on-line* e presenciais. O DOD em conjunto ao EAD está organizando um encontro para dialogadores ainda sem data definida. Com a ATP está concluindo a escala de plantão de atendimento dos trabalhos presenciais de desobsessão e doutrinação.

Pode Acreditar

Falará você na bondade a todo instante, mas, se não for bom, isso será inútil para a sua felicidade.

Sua mão escreverá belas páginas, atendendo a inspiração superior; no entanto, se você não estampar a beleza delas em seu espírito, não passará de estafeta sem inteligência.

Lerá maravilhosos livros com emoção e lágrimas; todavia, se não aplicar o que você leu, será tão somente um péssimo registrador.

Cultivará convicções sinceras, em matéria de fé; entretanto, se essas convicções não servirem à sua renovação para o bem, sua mente estará resumida a um cabide de máximas religiosas.

Sua capacidade de orientar disciplinará muita gente, melhorando personalidades; contudo, se você não se disciplinar, a Lei o defrontará com o mesmo rigor com que ela se utiliza de você para aprimorar os outros.

Você conhecerá perfeitamente as lições para o caminho e passará, ante os olhos mortais do mundo, à galeria de heróis e dos santos; mas, se não praticar os bons ensinamentos que conhece, perante as Leis divinas, recomeçará sempre o seu trabalho e cada vez mais dificilmente...

Você chamará a Jesus: Mestre e Senhor...; se não quiser, porém, aprender a servir com Ele, suas palavras soarão sem qualquer sentido.

LUIZ, André, Agenda Cristã, capítulo 40, editora FEB, 45ª edição.

Compreende melhor

... A escola do Cristo é bem diferente das escolas do mundo.

– O mundo ensina o egoísmo; Jesus, o desprendimento com discernimento.

– O mundo ensina o orgulho de raça; Jesus o amor a todas as criaturas.

– O mundo limita-se a ensinar o amor à família; Jesus ensina o amor universal.

– O mundo instrui para que aprendamos a sabedoria exterior; Jesus nos adverte sobre os conhecimentos internos.

– O mundo nos ensina o revide das ofensas para salvaguardar a honra; Jesus nos mostra, com exemplos de Sua vida, o perdão aos que nos ofendem e caluniam.

– O mundo nos cobre de glórias quando matamos; Jesus nos conduz para a paz de consciência quando preservamos as vidas.

– O mundo nos ensina a conquistar os bens materiais; Jesus nos mostra o valor dos tesouros imperecíveis do Espírito.

Eis os primeiros toques da grandeza do Mestre, que podes avaliar e seguir, e os caminhos que podes escolher: o de Jesus ou o do mundo.

Fonte:
Lancellin, Cirurgia Moral, capítulo 40, editora Fonte Viva, 37ª edição, 2020.

Abortamento

Em que momento acontece o milagre da vida? Em que instante o sopro Divino passa a animar o corpo daquele novo ser que logo surgirá na Terra?

A resposta a essas perguntas sempre inquietou a Humanidade. Debruçaram-se sobre ela filósofos, religiosos e cientistas. Apenas a religião oferece certezas.

O mais interessante é que essas certezas são muito semelhantes, o que indica que as diversas tradições religiosas, ao redor do Mundo, guardam entre si muitas coisas em comum.

Por exemplo, quase todas as religiões ensinam que a vida inicia no momento da concepção.

Naquele momento em que o espermatozóide fecunda o óvulo, inicia-se o mais complexo e comovente processo: a formação de um novo corpo humano.

E, asseguram os religiosos, é nesse instante sublime que o Espírito se une ao corpo em formação.

Por isso, também, todas as religiões são unânimes em reprovar o abortamento. A única exceção é quando a gravidez ameaça a vida da mãe. E isso também é uma unanimidade entre todas as crenças.

Ora, se é assim, se todas as religiões humanas o desaconselham, por que a Humanidade insiste no abortamento?

O que faz com que pai e mãe escolham matar seu filhinho? O que nos move em direção a um ato que vitima uma criatura frágil e desprotegida?

Resposta: nosso egoísmo. Quando nos vemos em uma situação que ameaça nosso conforto, em geral nos defendemos escolhendo uma atitude defensiva.

O problema é quando a nossa atitude defensiva viola os direitos dos outros. E isso, definitivamente, acontece quando se faz um abortamento.

Sim, porque no silêncio do ventre cresce um corpo que já tem dono. Será a morada de um Espírito imortal, abrigará um filho de Deus.

Quantas vezes nós, os que acreditamos em Deus, pensamos que aquele corpo em formação é a morada de um irmão nosso? Um ser especial que as mãos de Deus depositaram em nosso colo?

E como recebemos essa vida nova? O que fazemos com o Divino presente que nos chega às mãos? Será certo sufocá-lo quando está ainda tão frágil e pequenino?

Não. A vida pede proteção, amparo.

Em todos os países e idiomas do Mundo, a maternidade é louvada como sublime. Não podemos, em nome da modernidade, corromper os valores morais e éticos que herdamos. A lei natural é a do progresso. Jamais de retrocesso.

Hoje, o discurso de muita gente é que a mulher deve ter poder de decisão sobre seu corpo.

A legalização do abortamento é tratada como avanço dos direitos humanos, pois se alega que a medida vai proteger as mulheres pobres que fazem abortamentos ilegais.

São argumentações equivocadas. Partem de princípios errôneos.

Primeiro, porque o feto é um ser à parte. Ele não faz parte do corpo da mãe.

E cabe a pergunta: De que direitos humanos falamos? Direitos humanos são para garantir práticas éticas e não para legalizar o assassinato de crianças.

E se desejamos, de fato, proteger as mulheres pobres das consequências de um abortamento ilegal, deveríamos investir em saúde e educação.

São antídotos. Mulheres informadas usarão métodos contraceptivos, terão acesso a informação. Não precisarão matar para evitar uma gestação.

Por outro lado, onde fica o amor que tanto falamos e aspiramos sentir? O exercício do amor nos recomenda cuidar dos mais fracos. Que amor é esse que se desvencilha da vida que floresce?

O amor acolhe, abençoa, fortalece. É a expressão máxima da solidariedade. O amor, com certeza, não mata.

Redação do Momento Espírita.
Em 15.02.2010.

Espitirinhas

Wilton Pontes

384 - L.E.* RESPONDE: PRECE www.espitirinhas.com.br

*O Livro dos Espíritos, pergunta nº 661

CIGARRA MORTA

Cármen Cinira

Chamam-me agora aí
Cigarra morta,
E não podia haver melhor definição.
Porque caí estonteada à porta
Do castelo em ruínas,
Do desencanto e da desilusão!...

Minhas futilidades pequeninas...
Meus grandes desenganos...
Eu mesma inda não sei
Se é ventura morrer na flor dos anos...
Sei apenas que choro
O tempo que perdi,
Cantando em demasia a carne inutilmente;
E vivo aqui, somente,
De quanto idealizei
De belo, de perfeito, grande e santo,
Que inda hei de realizar
Com a rima do meu verso e a gota do meu pranto.

Dá-me força, Senhor,
Para concretizar meu anseio de amor:
Evita-me a saudade
Da minha improdutiva mocidade!

Eu não quero sentir,
Como cigarra que era,
A falta das canículas doiradas
Sob a luz de ridente primavera.
Já tombei cansada de cantar,
Calando amargamente,
Perdoa, Deus de Amor, o meu pecado:
Que eu olvide a cigarra do passado,
Para ser a abelha previdente.

Espíritos Diversos, Parnaso de Além-túmulo, página 58, 19ª edição, editora FEB, 2010.

Coragem para mudar

Joanna de Ângelis

Muitos dos conflitos que afligem o ser humano decorrem dos padrões de comportamento que ele próprio adota em sua jornada terrestre.

É comum que se copiem modelos do mundo, que entusiasmam por pouco tempo, sem que se analisem as consequências que esses modos comportamentais podem acarretar.

Não se tem dado a devida importância ao crescimento e ao progresso individual dos seres.

Alguns crêem que os próprios equívocos são menores do que os erros dos outros.

Outros supõem que, embora o tempo passe para todos, não passará do mesmo modo para eles.

Iludem-se no sentido de que a severidade das leis da consciência atingirá somente os outros.

Embriagados pelo orgulho e pelo egoísmo deixam-se levar pelos desvarios da multidão sem refletir a respeito do que é necessário realmente buscar-se.

É chegado o momento em que nós, espíritos em estágio de progresso na Terra, devemos procurar superar, de forma verdadeira, o disfarçado egoísmo, em busca da inadiável renovação.

Provocados pela perversidade que campeia, ajamos em silêncio, por meio da oração que nos resguarda a tranquilidade.

Gastemos nossas energias excedentes na atividade fraternal e voltada à verdadeira caridade.

Cultivemos a paciência e aguardemos a benção do tempo que tudo vence.

Prossigamos no compromisso abraçado, sem desânimo, sem vãs ilusões, confiando sempre no valor do bem.

É muito fácil desistir do esforço nobre, comprazer-se por um momento, tornar-se igual aos demais, nas suas manifestações inferiores.

Todavia, os estímulos e gozos de hoje, no campo das paixões desgovernadas, caracterizam-se pelo sabor dos temperos que se convertem em ácido e fel, passados os primeiros momentos.

Aprendamos a controlar nossas más inclinações e lograremos vencer se perseverarmos no bom combate.

Convertamos sombras em luz.

Modifiquemos hábitos danosos, em qualquer área da existência, começando por aqueles que pareçam mais fáceis de serem derrotados.

Sempre que surgir a oportunidade, façamos o bem, por mais insignificante que nosso ato possa parecer.

Geremos o momento útil e aproveitemo-lo.

Não nos cabe aguardar pelas realizações grandiosas, e tampouco podemos esperar glorificação pelos nossos acertos.

O maior reconhecimento que se pode ter por fazer o que é certo é a consciência tranquila.

Toda ascensão exige esforço, adaptação e sacrifício, enquanto toda queda resulta em prejuízo, desencanto e recomeço.

Trabalhemos nossa própria intimidade, vencendo limites e obstáculos impostos, muitas vezes, por nós mesmos.

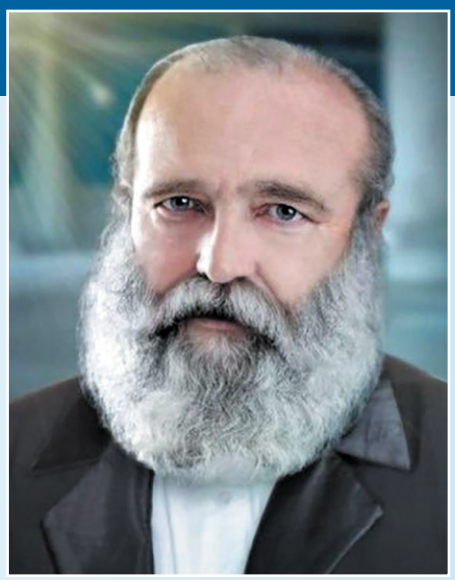
Valorizemos nossas conquistas, sem nos deixarmos embevecer e iludir por essas vitórias.

Há muitas paisagens, ainda, a percorrer e muitos caminhos a trilhar.

Somente a reforma íntima nos concederá a paz e a felicidade que almejamos.

A mudança para melhor é urgente, mas compete a cada um de nós, corajosa e individualmente, decidir a partir de quando e como ela se dará...

Vultos do Espiritismo



ADOLFO BEZERRA DE MENEZES CAVALCANTI

(29/08/1831 – 11/04/1900)

O Médico dos Pobres

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti nasceu no dia 29 de agosto de 1831, na antiga freguesia do Riacho do Sangue, hoje Jaguaretama, no estado do Ceará.

Filho de Antônio Bezerra de Menezes e de Fabiana de Jesus Maria Bezerra, oriundo de tradicional família de políticos do Sul, uma das primeiras que vieram povoar aquele estado, foi criado por seus pais dentro dos princípios religiosos do catolicismo e disciplina militar, tendo o dever e a honra como norma a seguir.

Não teve vida fácil. Contudo, com esforço e dedicação, alcançou posições de destaque chegando a ser médico, jornalista, político e presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB).

No ano de 1838, entrou para a escola pública da Vila do Frade. Bem cedo revelou sua fulgurante inteligência. Aos 6 anos sabia ler, aos 7 iniciava o curso primário, e aos 11 principiava o Curso de Humanidades, em virtude da transferência de sua família para o Rio Grande do Norte, matriculando-se na aula pública de latim que funcionava na Serra do Martins, dirigida por jesuítas.

Seu aproveitamento era notável, bastando lembrar que aos 13 anos, conhecia tão bem o latim que ministrava, a seus companheiros, aulas dessa matéria na própria escola em que fazia seus preparatórios, quando do impedimento de seu professor.

Cumpridos os 5 anos de ginásio e animado do firme propósito de orientar-se pelo caráter íntegro de seu pai, Bezerra de Menezes partiu para o Rio de Janeiro em 05 de fevereiro de 1851, a fim de seguir a carreira que sua vocação lhe inspirava: a Medicina.

Para poder estudar, dava aulas particulares de Filosofia e Matemática, e como não podia comprar livros, estudava nas bibliotecas, e sempre tirou ótimas notas, pois se esforçava muito.

Digno de registro foi um caso sucedido com o Dr. Bezerra de Menezes, quando ainda era estudante de Medicina. Ele estava em sérias dificuldades financeiras, precisando da quantia de cinquenta mil réis para pagamento das taxas da Faculdade e para outros gastos indispensáveis em sua habitação, pois o senhorio, sem qualquer contemplação, ameaçava despejá-lo. Desesperado – uma das raras vezes em que Bezerra se desesperou na vida – e como não fosse incrédulo, ergueu os olhos ao Alto e apelou a Deus. Poucos dias depois bateram-lhe à porta. Era um moço simpático e de atitudes polidas que pretendia tratar algumas aulas de Matemática. Bezerra recusou, a princípio, alegando ser essa matéria a que mais detestava; entretanto, o visitante insistiu e por fim, lembrando-se de sua situação desesperadora, resolveu aceitar. O moço pretextou então que poderia esbanjar a mesada recebida do pai, pediu licença para efetuar o pagamento de todas as aulas adiantadamente. Após alguma relutância, Bezerra, convencido, concordou. O moço entregou-lhe então a quantia de cinquenta mil réis. Combinado o dia e a hora para o início das aulas, o visitante despediu-se, deixando Bezerra muito feliz, pois conseguiu assim pagar o aluguel e as taxas da Faculdade. Procurou livros na biblioteca pública para se preparar na matéria, mas o rapaz nunca mais apareceu.

Em novembro de 1852, ingressou como praticante interno no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Doutorou-se em 1856 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, aos 25 anos. Nessa altura abandonou o último patronímico, passando a assinar apenas Adolfo Bezerra de Menezes.

Abriu, com um colega, consultório no centro do comércio, onde esteve espantando moscas por longos meses. Mas, em sua casa, a clínica ia crescendo, pois era gente que não pagava. Recebe então a alcunha de "Médico dos Pobres". Foi-lhe dado mais por troça, mas ele a aceitou com orgulho; disse depois que foi o mais honroso título que já recebera.

Em 1º de junho de 1857 é eleito para o quadro de membros titulares da Academia Imperial de Medicina.

Em 1858 candidatou-se a uma vaga de lente substituto da Seção de Cirurgia da Faculdade de Medicina. Por intercessão do mestre Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, então Cirurgião-Mor do Exército, Bezerra de Menezes foi nomeado seu assistente, no posto de Cirurgião-Tenente.

Casou-se com Maria Cândida de Lacerda em 06 de novembro de 1858, mas esta veio a falecer em 1863, acometida por rápida enfermidade, deixando-lhe dois filhos ainda pequenos. Um ano depois, casou-se pela segunda vez com Cândida Augusta Lacerda, irmã materna de sua primeira esposa, com quem teve sete filhos.

Político, grande defensor da abolição da escravatura, líder do Partido Liberal, eleito vereador municipal em 1861, teve sua eleição impugnada pelo chefe conservador, Haddock Lobo, sob a alegação de ser médico militar. Objetivando servir o seu Partido, que necessitava dele a fim de obter maioria na Câmara, Bezerra de Menezes resolveu afastar-se do Exército.

Em 1867 foi eleito Deputado Geral, tendo

ainda figurado em lista tríplice para uma cadeira no Senado. Quando político, levantou-se contra ele, a exemplo do que ocorre com todos os políticos honestos, uma torrente de injúrias que cobriu o seu nome de impropérios. Entretanto, a prova da pureza da sua alma deu-se quando, abandonando a vida pública, foi viver para os pobres, repartindo com os necessitados o pouco que possuía.

Corria sempre ao tugúrio do pobre, onde houvesse um mal a combater, levando ao aflito o conforto de sua palavra de bondade, o recurso da ciência de médico e o auxílio da sua bolsa minguada e generosa. Missionário que sempre fora, um dia ao atender uma mulher, prescreveu os remédios e lhe disse que poderia comprá-los ali mesmo, ao que esta respondeu que não tinha nem para dar o que comer, quanto mais comprar remédios. Bezerra procurou nos bolsos e nada encontrou, olhou em volta e nada viu, reparou então em seu anel de formatura, e deu-o, sem pestanejar para comprar medicamento para o filho doente.

Dedicava-se unicamente aos pobres, dando consultas gratuitas. Como não conseguia cobrar, seu amigo, dono da farmácia onde atendia é quem pedia ajuda aos que podiam.

Não tendo nenhuma fonte de renda além dessa, passava portanto, muitas privações. Muitas vezes, comovido com o pesar das pessoas, ia até o amigo farmacêutico e pegava tudo o que ele tinha recebido e distribuía aos necessitados que o procuravam. Em certa ocasião a situação estava muito ruim, sua mulher lhe disse que não teriam o que comer à noite, e ele respondeu que confiasse em Jesus. Ao voltar de noite ela reclamou do seu exagero, o que ele estranhou, então ela mostrou uma enorme quantidade de alimentos que lhe foi entregue de manhã, cuja origem jamais souberam.

Outra vez, um homem o procurou dizendo estar desempregado e doente, como os seus. Bezerra olhou nos bolsos e nada encontrou, perguntou então se ele acreditava em Nossa Senhora, o que ele disse que sim, então lhe deu um abraço dizendo que era em nome dela, e disse para repetir o gesto em casa. Na semana seguinte voltou para agradecer pois ficou curado e arranjara emprego.

Desviado interinamente da atividade política e dedicando-se a empreendimentos empresariais, criou a Companhia de Estrada de Ferro Macaé a Campos, na então província do Rio de Janeiro. Em 1875, era presidente da Companhia Carril de São Cristóvão. Quando comandava a empresa de trens, ao findar o expediente, um conhecido chegou até ele dizendo que seu filho havia morrido. Não o deixou continuar, chamou a um canto, tirou a carteira e nem olhou o quanto tinha, deu-lhe tudo, percorreu os bolsos e deu até as moedas que possuía. Não esperou agradecimentos e foi embora, só então percebeu que não tinha nem para o bonde, de modo que foi obrigado a pedir a amigos a passagem.

Retornando à política, foi eleito vereador em 1876, exercendo o mandato até 1880. Foi ainda presidente da Câmara e Deputado Geral pela Província do Rio de Janeiro, no ano de 1880.

Ficando descontente de tudo, passando a ler a Bíblia para se consolar.

O Dr. Carlos Joaquim Travassos integrante do primeiro grupo espírita do país, "Confúcio", havia empreendido a primeira tradução das obras de Allan Kardec e levara a bom termo a versão portuguesa de "O Livro dos Espíritos". Logo que esse livro saiu do prelo, o Dr. Joaquim Travassos, durante uma viagem de bonde, ofertou um exemplar a Bezerra de Menezes, entregando-o com dedicatória.

O episódio foi descrito do seguinte modo por Bezerra:

"Deu-mo na cidade e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem de bonde. Embarquei com o livro e, como não tinha distração para a longa viagem, disse comigo: Ora, adeus! Não hei de ir para o inferno por ler isto... Depois, é ridículo confessar-me ignorante desta filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas. Pensando assim, abri o livro e prendi-me a ele, como acontecera com a Bíblia. Lia. Mas não encontrava nada que fosse novo para meu Espírito. Entretanto, tudo aquilo era novo para mim!... Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava no "O Livro dos Espíritos". Preocupei-me seriamente com este fato maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou, mesmo como se diz vulgarmente, de nascença".

Para se convencer, faz uma consulta anônima, mandando por um amigo um papel contendo apenas seu nome e idade, e recebeu de volta a descrição dos seus sintomas, a causa deles e a prescrição para cura, e cura um problema de cinco anos apenas com homeopatia. Comentou com um vizinho que já estava melhor, quando recebeu o comunicado do espírito dizendo que ainda não estava de todo bem, chegando a mensagem uma hora depois do comentário, exatamente o tempo da viagem até sua casa.

Sua esposa tinha problemas, e os médicos diziam que era tuberculose, o que era muito grave na época. Os espíritos indicaram problema em outro lugar, no útero, e a curaram. Certa vez sua esposa foi procurá-lo pois sua filha estava muito doente, mas ao sair foi chamado por outra mulher, pedindo ajuda para o filho que também adoecera. Disse à esposa que não pode deixar de atender a quem chama, e vai até o outro enfermo, esperando, ao retornar à casa, encontrar a filha morta, mas a doença passara completamente.

No dia 16 de agosto de 1886, um auditório de cerca de duas mil pessoas da melhor sociedade enchia a sala de honra da Guarda Velha, na rua da Guarda Velha, atual Avenida 13 de Maio, no Rio de Janeiro, para ouvir em silêncio, emocionado, atônito, a palavra sábia do eminente político, do eminente médico, do eminente cidadão, do eminente católico, Dr. Bezerra de Menezes, que proclamava a sua decidida conversão ao Espiritismo. Bezerra era um religioso no mais elevado sentido. Sua pena, por isso, desde o primeiro artigo assinado, em janeiro de 1887, foi posta a serviço do aspecto religioso do Espiritismo. Demonstrada a sua capacidade literária no terreno filosófico e religioso, quer pelas réplicas, quer pelos estudos doutrinários, a Comissão de Propaganda da União Espírita do Brasil, incumbiu-o de escrever, aos domingos, no "O Paiz" tradicional órgão da imprensa brasileira, a série de "Estudos Filosóficos", sob o título "O Espiritismo".

O Senador Quintino Bocaiúva, diretor daquele jornal de grande penetração e circulação, "o mais lido do Brasil", tornou-se mesmo simpatizante da Doutrina Espírita.

Os artigos de Max, pseudônimo de Bezerra de Menezes, marcaram a época de ouro da propaganda espírita no Brasil. De novembro de 1886 a dezembro de 1893, escreveu ininterruptamente, ardentemente.

Em 1883, reinava um ambiente francamente dispersivo no seio do Espiritismo brasileiro e os que dirigiam os núcleos espíritas do Rio de Janeiro sentiam a necessidade de uma união mais bem estruturada e que, por isso mesmo, se tornasse indestrutível. Os Centros, onde se

ministrava a Doutrina, trabalhavam de forma autônoma. Cada um deles exercia a sua atividade em um determinado setor, sem conhecimento das atividades dos demais.

Esse sentimento levou-os à fundação da Federação Espírita Brasileira. Nessa época já existiam muitas sociedades espíritas, porém, as únicas que mantinham a hegemonia de mando eram quatro: a "Acadêmica", a "Fraternidade", a "União Espírita do Brasil" e a "Federação Espírita Brasileira". Entretanto, logo surgiram entre elas vivas discórdias.

Sob os auspícios de Bezerra de Menezes, e acatando prescrições das importantes "Instruções" recebidas do plano espiritual pelo médium Frederico Júnior, foi fundado o famoso "Centro Espírita", o que, entretanto, não impediu que Bezerra desse a sua colaboração a todas as outras instituições.

O entusiasmo dos espíritas logo se arrefeceu, e o velho seareiro se viu desamparado dos seus companheiros, chegando a ser o único frequentador do Centro.

A cisão era profunda entre os chamados "místicos" e "científicos", ou seja, espíritas que aceitavam o Espiritismo em seu aspecto religioso, e os que o aceitavam simplesmente pelo lado científico e filosófico.

Em 1892, Bezerra de Menezes, por sua desambição das coisas materiais e por efeitos da implantação da República, foi reduzido à pobreza e ao isolamento. Ainda, assim, mantinha a seção dominical de "O Paiz"; escrevia artigos para o "Reformador" e veio a lume o romance "Lázaro, o Leproso". Em 1893, todas as vozes se calaram, porém Max continuou incansável, escrevendo. Foi a derradeira pena a parar, e só em 25 de dezembro encerrou os estudos Filosóficos", no "O Paiz", escrevendo tocante homenagem a mãe de Jesus.

Em 1893, a convulsão provocada no Brasil pela Revolta da Armada, ocasionou o fechamento de todas as sociedades espíritas.

Em 1894, o ambiente mostrou tendências para melhora e o nome de Bezerra de Menezes foi lembrado como o único capaz de unificar o movimento espírita.

O infatigável batalhador, com 63 anos de idade, foi convocado por companheiros espíritas a assumir a presidência da Federação Espírita Brasileira. Não teve como dizer não, ficando ora no cargo de presidente, ora de vice-presidente, até a sua desencarnação.

À frente da FEB, conciliou, em nome do amor, místicos e cientistas, empunhando sempre o slogan "Deus, Cristo e Caridade", e muito trabalhando pelo bem comum.

Iniciava-se o ano de 1900, e Bezerra de Menezes foi acometido de violento ataque de congestão cerebral, que o prostrou no leito, de onde não mais se levantaria. Verdadeira romaria de visitantes acorria à sua casa. Ora o rico, ora o pobre, ora o opulento, ora o que nada possuía.

Ninguém desconhecia a luta tremenda em que se debatia a família do grande apóstolo do Espiritismo. Todos conheciam suas dificuldades financeiras, mas ninguém teria a coragem de oferecer fosse o que fosse, de forma direta. Por isso, os visitantes depositavam suas contribuições, delicadamente, debaixo do seu travesseiro.

No dia seguinte, a pessoa que lhe foi mudar as fronhas, surpreendeu-se por ver ali desde o tostão do pobre até a nota de duzentos mil reis do abastado!...

Adolfo Bezerra de Menezes desencarnou no dia 11 de abril de 1900, sem deixar bens materiais para a família, pois era um espírito missionário, para quem a maior riqueza do homem é a purificação da alma. Amor ao próximo, solidariedade, abnegação e desprendimento foram e são as suas heranças.

Ocorrida a sua desencarnação, verdadeira peregrinação demandou sua residência a fim de prestar-lhe a última visita.

O sepultamento foi concorrido. Gente de toda a cidade do Rio de Janeiro, especialmente dos morros, das favelas, gente humilde, descalça, maltrapilha, os pobres de espírito, os humildes de coração, beneficiados pela Medicina do seu Amor, ali se achavam em mistura com outra gente rica e poderosa, pertencente ao mundo oficial do Governo e às entidades culturais do Distrito Federal. E todos choravam como se tivessem se apartado de um Pai, do maior de seus amigos!

"Um dia, perguntado ao Dr. Bezerra de Menezes, qual foi a sua maior felicidade quando chegou ao plano espiritual, ele respondeu:

— A minha maior felicidade, meu filho, foi quando Celina, a mensageira de Maria Santíssima, se aproximou do leito em que eu ainda estava dormindo e, tocando-me, falou suavemente:

— Bezerra, acorde, Bezerra! Abri os olhos e vi-a, bela e radiosa.

— Minha filha, é você Celina?!

— Sim, sou eu, meu amigo. A mãe de Jesus pediu-me que lhe dissesse que você já se encontra na Vida Espiritual, havendo atravessado a porta da imortalidade. Agora, Bezerra, desperte feliz.

Chegaram os meus familiares, os companheiros queridos das hostes espíritas que me vinham saudar. Mas eu ouvia um murmúrio, que me parecia vir de fora. Então, Celina me disse:

— Venha ver, Bezerra. Ajudando a erguer-me do leito, amparou-me até a escada, e eu vi uma multidão que acenava, com ternura e lágrimas nos olhos.

— Quem são, Celina? Perguntei – não conheço ninguém. Quem são?

— São aqueles a quem você consolou, sem nunca perguntar-lhes o nome. São aqueles espíritos atormentados, que chegaram às sessões mediúnicas e a sua palavra caiu sobre eles como um bálsamo numa ferida em chaga viva; são os esquecidos da Terra, os destroçados do mundo, a quem você estimulou e guiou. São eles, que o vêm saudar no pórtico da eternidade...

E o Dr. Bezerra concluiu:

— A felicidade sem limites existe, minha filha, como decorrência do bem que fazemos, das lágrimas que semeamos no caminho, para atapetar a senda que um dia percorremos".

No Plano Espiritual, em 1950, Maria de Nazaré chamou-o para zonas superiores, mas ele preferiu ficar aqui, junto de seus pobres e doentes.

Sua vida é um exemplo de probidade, de amor ao próximo, em que ele ganhou 50 encarnações em apenas uma.

Não precisamos fazer tanto, mas podemos ganhar uma ou duas apenas tentando um pouco.

Referências:
1. GODOY, Paulo Alves, Os Grandes Vultos do Espiritismo, FEESP
2. http://bvespirita.com/Biografias.html - Site consultado em 22/05/2021
3. https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Adolfo-Bezerra-de-Menezes.pdf (texto incluído nas obras que integram a Coleção Bezerra de Menezes, publicada pela FEB)

INFORMATIVO OBREIROS – Órgão de divulgação interna do Instituto Espírita Obreiros do Bem, Rua Eclisio Viviane, 25 - Bela Vista - Osasco - SP. Publicação trimestral, com tiragem de 1.000 exemplares. A direção, captação dos textos e a diagramação são executados por colaboradores do Departamento de Comunicação da Instituição. Distribuição gratuita.